

ALGUNS MESES ANTES

OLÁ, MUNDO!

São 10h05 da manhã e estou na fila do balcão de café da manhã do coworking em que trabalho, no lado leste de Londres. O clima lá fora é outonal, mas abafado, e eu me agasalhei demais. Estou com as axilas úmidas e me perguntado se devo dar uma fugidinha para comprar uma camiseta nova na hora do almoço. Fiz *dal* para o jantar da noite passada, com uma receita que peguei em um livro de culinária vegetariana barata comprado num bazar de caridade — e preciso dizer que ficou incrível. Agora estou fazendo um post para as redes sociais sobre um croissant, o que tenho certeza de que vai me definir como ser humano.

Olho para o celular. Estou bastante satisfeita com a foto. Usei o Clarendon para acentuar volumes e profundidades, tornando os claros um pouco mais claros e os escuros um pouco mais escuros. Acrescentei uma moldura branca para dar um toque artístico. A imagem parece transcendental — tanto quanto um croissant pode parecer. No entanto, estou tendo problemas com o texto. Já mexi nele tantas vezes que não consigo mais dizer se faz sentido ou não. Isso acontece com frequência. Demoro tanto

escolhendo as palavras, pensando em como serão recebidas, me perguntando se haveria opções melhores, que elas acabam perdendo toda a espontaneidade. Tenho medo de palco. O resto do mundo desaparece diante desse pequeno ponto de existência. É como aquele trecho de *Alien 3* em que a Ripley diz para o alien: *Você está na minha vida há tanto tempo que já não me lembro de mais nada*. Eu costumava pensar que estavam falando sobre a maternidade. Agora sei que era sobre as redes sociais.

Olho para a tela.

CROISSANTS, UHU! #CROISSANTS

Será que essa é mesmo a melhor descrição para a minha experiência no momento?

Corto o UHU e a vírgula.

CROISSANTS! #CROISSANTS

Encaro a frase de novo. Tento me lembrar da inspiração original, para ser guiada por ela. É o mínimo que posso fazer, interrogar a mim mesma. Afinal, esse deveria ser o objetivo quando já chegamos à metade da casa dos trinta: um autointerrogatório constante. Ter coragem para mudar o que pode ser mudado, e um terapeuta para aceitar o que não pode. O que eu realmente quero dizer sobre croissants? Como os croissants *me fazem sentir* de verdade? Por que é importante que eu compartilhe isso *nesse momento*?

Deleto o ponto de exclamação e encaro as duas palavras restantes. São a mesma palavra. A única diferença é que uma delas é uma hashtag. Elas significam a mesma coisa ou algo coisa diferente? Há mais valor na repetição? Vale a pena deixar uma sem hashtag para preservar o sentimento original, intocado pelos acessórios digitais? É muito importante fazer tudo isso corretamente. Quero que as pessoas saibam na mesma hora, em uma olhada, que esse post é sobre croissants em sua forma mais pura. Esse é o Croissant Platônico.

Deleto a hashtag e agora o post diz apenas:

CROISSANTS.

Com ponto final ou não? Um ponto final sempre parece decisivo e determinado, mas também pode ficar mais descolado e casual se apenas deixarmos a palavra solta, como se disséssemos: ah, estou tão ocupada com a minha vida fascinante que nem tenho tempo de pontuar o post. A verdade sórdida é que eu pontuo em excesso quando estou estressada/empolgada. Posso chegar a quatro pontos de exclamação em um dia bom/ruim. Pontos de exclamação são a pontuação escolhida por pessoas que se preocupam em agradar. Nos fazem parecer ansiosos e dóceis. Que incrível falar com você! Você!!!! Sempre reparo na pontuação dos outros. Quando alguém me manda uma mensagem sem pontos de exclamação ou beijos, ganha meu respeito. E também penso: será que estão deprimidas? Será que fiz alguma coisa para ofendê-las?

Às vezes, vejo pessoas usando uma fileira inteira de emojis e só quero dar um abraço nelas.

CROISSANTS

Perfeito.

Sim, acho que isso diz tudo.

Hum.

Mas não é o bastante, não é?

Ah, caramba. Eu. Não. Sei.

— Posso ajudar?

Levanto os olhos, assustada. É a minha vez de fazer o pedido.

— Hã...

Olho para os croissants sobre a bancada de pedra bruta. Agora vejo que há um problema. Tenho quase certeza — e sou muito observadora — de que um deles é de ontem. Parece mais duro do que os outros, o modo como está curvado na frente, como se estivesse tenso. Aquele croissant definitivamente tem uma textura e uma cor diferentes do resto. Não sei se isso sugere idade mais avançada, ou algum tipo de contaminação por bactérias, ou outra coisa qualquer. Como não reparei nisso? Tenho certeza de que, se eu pedir um croissant, vão me servir aquele.

Estou paralisada. Não sei o que fazer. Não me sinto capaz de pedir por um croissant específico, embora com certeza sinto que mereço um. Faço um cálculo rápido. Há oito croissants ali, e o defeituoso está no meu lado e não no da atendente, portanto é improvável que ele seja empurrado para mim. Solto o ar. Decido arriscar. Preciso dessa experiência para realizar minha... experiência planejada.

— Um croissant, por favor.

A atendente assente, mas então, por alguma razão que só ela poderia explicar, estende a mão para pegar o CROISSANT DA CALAMIDADE na frente.

— Hã, oi! Com licença. Poderia, por favor, não me servir esse croissant?

Digo isso cheia de medo, mas também com total determinação.

A atendente estala a língua. E diz, devagar:

— Eles são... todos iguais.

— Poderia me servir um dos que estão mais para trás, por favor? — peço. — Obrigada!

Todo mundo está olhando para mim.

Ela fala ainda mais devagar, como se eu fosse uma idiota.

— Mas... são todos iguais.

— Aquele tem uma cor diferente, acho — digo, mais baixo.

A mulher examina os croissants. A pessoa que está atrás de mim na fila também se adianta para olhar. O barista abandona a cafeteira e se aproxima. O caixa também. Todos olham para os croissants e, depois, para mim.

— Na verdade, é uma preferência minha — sussurro. — Pode colocar qualquer croissant no saco, por favor.

Ela coloca o croissant no saco de papel. Ele atinge o fundo com força. Pressiono meu cartão na máquina de leitura e espero o bipe. Bipa, pelo amor de Deus, bipa, cacete, porra, bosta.

Ele bipa. Eu saio em disparada.

Corro para o banheiro feminino, jogo o croissant no lixo e dou uma choradinha. Mas tudo bem. As pessoas choram o tem-

po todo na WerkHaus. O lugar tem aqueles reservados pequenos perto da recepção, para ligações privadas, mas, na maior parte do tempo, as pessoas só usam as cabines para chorar mesmo.

Quando paro de chorar, faço xixi. Enquanto me seco, confiro para ver se encontro sangue, como sempre.

Olho para o celular.

CROISSANTS

O sentimento permanece o mesmo, ainda que a realidade tenha saído de um jeito diferente. E é o sentimento que conta.

CROISSANTS

De certo modo, é perfeito. Factual. Mas ainda não estou cem por cento certa. Eu me lembro de uma coisa que Suzy Brambles disse uma vez em seu “Dicas incontestáveis de avó”. Ela falou: “Siga com o primeiro rascunho.”

Mudo novamente as palavras para:

CROISSANTS, UHU! #CROISSANTS

Certo. Me sinto quase pronta para postar. Para uma última checada, mando uma mensagem para Kelly.

Kelly é a minha amiga mais antiga e a mais confiável editora de redes sociais.

Pfv lê uma coisa pra mim antes de eu postar

Não não eu disse que não ia mais fazer isso

Por favor

Não, você está me deixando
louca com esse bombardeio diário

Não é todo dia!

Cara, é quase todo dia

Por favor meu dia já está sendo o pior de todos!!!!
Acabaram de me servir um croissant defeituoso

Não

Eu imploro

Não vou endossar esse comportamento

Que comportamento???

Essa maluquice. Não é saudável. Nem autêntico

Autêntico???

Você disse que “crescemos juntas” em um post outro dia.
A gente tinha 22 anos quando se conheceu

A história ficava melhor daquele jeito!
E, de qualquer modo, quase crescemos juntas,
já que nós duas fomos criadas no Norte!

Tá de sacanagem

O Charlie Chaplin uma vez perdeu uma
competição de sócias do Charlie Chaplin

Tá duplamente de sacanagem

Ora, nós inevitavelmente acabamos colocando
um filtro em nós mesmos, né? Mesmo enquanto
pessoas honestas transitando pela sociedade

Pare de intelectualizar o seu problema.
A vida não é uma competição de sócias

Acabei de mandar o post pra você,
pfv revise e me da um retorno

Você só pode estar brincando

Ela vai ler. Sei que vai. Kelly não faz muita coisa enquanto espera para começar seu turno de recepcionista — a não ser ver vídeos de pessoas espremendo cravos, o que acho que, de algum modo, dá a ela uma sensação de que o equilíbrio do mundo está sendo restaurado.

Ela responde depois de alguns segundos.

Está bom. Sério, não entendo com que você está preocupada

Obrigada bj

Mandei um beijo! Espero que ela sinta esse agradecimento. Minha educação-beirando-a-elegância. Então, depois de alguns segundos, mando:

Espero que você tenha demorado algum tempo realmente analisando, que não tenha corrido só para responder, tá?

Ela não responde.

Kelly faz isso às vezes. Se fecha. Ela protagonizou uma versão muito maior disso quando eu estava prestes a ficar com o meu ex, Art — naqueles dias inebriantes que passei investindo nele com afinco —, e pedi a ela que lesse as coisas que eu mandava para ele. Às vezes, a gente só precisa de uma segunda opinião, sabe? Afinal, para que servem os amigos?

Kelly também é do Norte. Ela é de Yorkshire. Uma rosa branca, enquanto sou uma rosa vermelha. Ela é um anjo na minha vida, mas começou a me menosprezar publicamente e, para ser honesta, isso está começando a irritar. Exemplo: na semana passada, postei uma foto de um banco coberto de folhas no parque, com a legenda:

Outono, você sempre foi meu favorito

E ela comentou:

Você acha que gostar do outono te torna uma pessoa mais complexa?

Alguns dias depois, postei uma vista encantadora de um campo e ela escreveu:

Cara, não tem nada nessa foto

Não é o tipo de coisa que se espera ouvir de uma amiga querida. MAS, se você me perguntar quem mais me conhece, quem mais me *ama*, quem *eu* mais amo — bem, sei qual seria a resposta. Kelly me empolga, simples assim. Ela me empolga. Talvez tenhamos nos afastado um pouco nos últimos tempos, mas temos o tipo de amizade capaz de suportar distância emocional. É muito tranquila. Como um casamento aberto.

Kelly tem um filho, Sonny. Conheço os dois há doze anos, embora tecnicamente tenha conhecido Sonny primeiro. Ele tem catorze anos agora. Kelly ficou grávida de um ex-namorado na época da faculdade — um cara que ela superou bem rápido, segundo me contou. Ele agora tem um filho com outra mulher e é um ativista sério, do tipo que bloqueia estradas. Esse cara e Kelly uma vez ficaram em cima de uma árvore por seis semanas, enquanto ela estava grávida, e acho que foi durante esse tempo que Kelly percebeu que o relacionamento não tinha futuro. Sair de férias com um namorado e ter que fazer cocô numa sacola plástica, além de passar o tempo todo discutindo sobre quem tem mais comida sobrando, já que não há nenhum entretenimento eletrônico disponível, é, sem dúvida, uma decisão determinante: ou se fica junto para sempre a partir daquele ponto, ou o relacionamento acaba ali mesmo. Kelly ainda tem uma tatuagem de estrela no pulso, da época em que era anarquista. (Mas ela nunca dispensou uma boa tábua de queijos. Acho que com frequência descobrimos isso sobre os anarquistas — eles ainda gostam dos pequenos confortos.)

Na última vez que vi Sonny, uns dois meses atrás, disse para ele parar de seguir garotas com unhas falsas gigantescas no Instagram, porque elas estavam imitando atrizes pornô. Ele respondeu que eu estava sendo preconceituosa com as unhas delas. E me

contou a história de um amigo que tinha apertado o botão errado de uma máquina de venda automática nos Estados Unidos, o que fez com que acabasse recebendo uma pílula do dia seguinte em vez de uma bebida — então, o que eu tinha para ensinar a ele, afinal? As pessoas estão deprimidas com o estado totalitário para o qual estamos nos encaminhando — um mundo onde nosso uso da internet será restrito a vermos os rostos brilhantes e imbecis dos nossos líderes não eleitos —, mas, pelo menos, isso vai salvar as crianças da pornografia. Tudo tem seu lado positivo.

Eu disse para Kelly que temos mais obrigação do que as gerações mais novas de respeitar as redes sociais, porque não somos nativos digitais. Fomos criados com o impresso. Essa mudança vem sendo a maior reviravolta cultural e psicológica da nossa vida. Não tínhamos e-mail até entrarmos para a faculdade. A internet pode nos apresentar algumas surpresas. Uma vez, comprei uma cômoda no eBay, e, quando chegou, era um móvel em miniatura, para uma casa de boneca. Achei que o preço — uma libra e noventa e nove — tinha sido uma pechincha. Além disso, não fomos criados para ser transmissores natos. Tivemos que aprender a usar as tecnologias, e rápido. Eu me lembro desse movimento em direção a um registro documental diário (a cada hora, constante). Anos atrás, uma amiga me deixou maluca durante uma caminhada, porque ficava parando o tempo todo para tirar fotos para o Facebook. Fiquei muito frustrada — eu só queria andar. Era como estar em um carro que morre toda hora. Agora, seria eu a pessoa correndo para o penhasco mais próximo em busca de sinal para o celular.

Falando nisso...

Está na hora de puxar o band-aid. Em um impulso, acrescento uma hashtag de última hora. Agora vai mesmo!

#pessimoatendimento

Posto a foto. A espera começa. É como aquele enigma da árvore caindo na floresta vazia. Se não houver ninguém lá, será que a queda produz algum som? Se você posta alguma coisa nas redes

sociais e ninguém curte, será que você existe? Calculo que, com o meu número de seguidores, posso mensurar o sucesso de um post na base de aproximadamente dez curtidas por minuto. Mas a verdade é que não há fórmula para isso — e já tentei de tudo. Uma vez, cheguei até a arrumar uma viagem de um dia para Heptonstall para fotografar o túmulo de Sylvia Plath (literária, trágica, preenchia tantos itens essenciais!), e tantas pessoas deram coraçõezinhos na foto que fez valer as cem libras da passagem de trem. Antes eu fazia as coisas só pelo prazer de fazer, mas agora o desempenho das minhas atividades nas redes sociais é um fator definitivo.

Já se passou quase um minuto e ningu...

Sim! Uma curtida! E outra! E três, e quatro! Obrigada. Agora que o lacre foi rompido, tudo fica sexy. Alguém comenta “Delícia”. Avalio se devo ou não curtir o comentário. É um compromisso, curtir comentários, porque depois que se começa, é preciso fazer a mesma coisa com todos. Na verdade, é melhor nem começar, e também parece menos obsessivo, não dá a impressão de que estamos monitorando as coisas. Vou só deixar isso aqui e ir embora! Como assim, você acha que não tenho nada melhor para fazer no meu dia do que ficar atualizando essa bobagem?

Fico feliz com qualquer curtida, mas, na verdade, estou esperando pelas mulheres que realmente admiro on-line. A coisa vem tomando esse rumo há alguns anos, e recentemente ficou mais forte. O que eu mais quero é que essas mulheres me notem. Espero por um nome que signifique alguma coisa. Espero por um sinal. Há certas pessoas cuja atenção estou ansiosa para atrair. Margot Ripkin. Buzzface Cruise. Wintering Marianne. Suzy Brambles. Suzy Brambles mais do que o resto, talvez, porque ela acabou de me seguir de volta (há dois dias! E eu a sigo há anos), e isso me dá a sensação de que agora estamos conectadas. Como deveríamos estar. Unidas, você poderia dizer.

Suzy Brambles. Ah, Suzy Brambles, com o corte chanel agressivo, o Citroën DS preto, as aulas de kickboxing, os olhos amendoados e os lábios que parecem estar chupando um zepelim con-

gelado. Como não curtir? E eu curto. E curto e curto e curto. O primeiro post que chamou minha atenção foi o de uma espiga de milho queimada em um churrasco na praia, com a legenda: *A aventura já está dentro de você.* Eu me sentia bastante perdida no que dizia respeito à aventura na época, por isso, aquela espiga de milho se conectou comigo em vários níveis. Essa manhã, Suzy Brambles estava chutando folhas para o alto em Dulwich. Ela é tão divertida! Já vi o vídeo cinco vezes. Suzy Brambles só posta em preto e branco. Isso é porque ela tem integridade. Assisto mais uma vez ao vídeo no parque. Cada vez que assisto, encontro algo novo para admirar na escolha da composição, do ângulo e do filtro de Suzy.

Verifico a hora. Quase onze da manhã. Como isso...